

**O *BULLYING* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
CORPO, OBESIDADE E ESTIGMA**

**BULLYING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES:
BODY, OBESITY AND STIGMA**

MATOS, Keyte dos Santos

Universidade Federal de Sergipe

keytematos@yahoo.com.br

ZOBOLI, Fabio

Universidade Federal de Sergipe

zobolito@gmail.com

MEZZAROBA, Cristiano

Universidade Federal de Sergipe

cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

RESUMO Neste início de século XXI os estigmas que emergem a partir da aparência corporal parecem estar cada vez mais mediados a partir de relações de poder na medida em que adquirem valor simbólico dentro de um determinado contexto. Estas relações de poder se manifestam das mais diferentes formas desencadeando em situações de violência física e simbólica no convívio com o diferente – o bullying. Neste sentido, o presente artigo pretende analisar como se manifesta o processo de bullying na vida dos alunos considerados obesos por seus agressores dentro do contexto da Educação Física escolar. O texto é fruto de um estudo monográfico do curso de Educação Física da UFS realizado a partir de uma pesquisa qualitativa que analisou o objeto sob o viés de um estudo de caso de uma Escola Pública Municipal de Aracaju/SE. Os resultados indicaram que, para combater a violência manifestada através do bullying nas aulas de Educação Física e no contexto escolar, faz-se necessária uma interação conjunta de convivência entre os alunos, funcionários, pais, professores e dirigentes mediada por uma sensibilização que favoreça a cultura do acolhimento e o respeito no convívio com o diferente.

Palavras-Chave: Obesidade. Bullying. Educação Física.

ABSTRACT In the beginning of this century the stigmas that emerge from the body appearance seem to be increasingly mediated by power relationships as they acquire symbolic value within a given context. These power relationships are manifested in many different ways, unleashing physical and symbolic violence situations when in contact with differences – meaning, bullying. In this sense, this article aims to analyze how bullying manifests in the students' lives in the context of the Physical Education classes in school. This text is a result of a monographic study of the Physical Education undergraduate course of the Federal University of Sergipe done from a qualitative study that analyzed the object of this research under the bias of a case study in a public school in the city of Aracaju – Sergipe. The results indicated that, to combat the violence manifested through bullying in the Physical Education classes and in the school context, a combined connivance interaction between students, staff, parents, teachers and principals mediated by an awareness that fosters the acceptance and respect in contact with the difference is necessary.

Keywords: Obesity. Bullying. Physical Education.

1 CORPO , BULLYING E AMBIENTE ESCOLAR

O sentir, o pensar e o agir caracterizam a existência e a vida humana. Essa tríade, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim, através de uma rede complexa de interações que se dão na dimensão corporal humana. Pelo corpo eu percebo, pelo corpo eu analiso e por meio dele eu coexisto no mundo.

Nosso ser e estar no mundo enquanto corpo é permeado por uma infinita teia de signos e linguagens. Ao mesmo tempo em que nos apropriamos desta teia, nós também a construímos. Esse jogo tensivo de apropriação e construção é mediado pela ação da cultura, logo podemos afirmar que é através do corpo que o humano se apropria da cultura.

A estrutura biológica do homem possibilita-lhe sentir, pensar e agir, mas o seu estar e interagir com o mundo (cultura) dá os sentidos e significados de seus sentimentos, pensamentos e ações, (re)criando e (re)construindo novos universos e novas anatomias. Apropriar-se de uma cultura é assim apreender uma significação através do corpo – na interação de toda sua complexidade na unidade.

Neste sentido, quando analisamos o corpo na sua relação com a cultura é importante perceber que os padrões de beleza e os padrões de normalidade e

diferença são signos construídos. É em nome dos signos que regem o padrão de corpo ideal dentro de uma cultura que os indivíduos pautam sua postura ascética em relação a seu próprio corpo. É também em nome desse cuidado de si que o indivíduo busca a sua inserção na vida social. O aceitar o outro evoca nossa própria aceitação para conosco.

A ascese é aqui compreendida como um conjunto ordenado de exercícios disponíveis, recomendados e utilizados pelos indivíduos dentro de um sistema simbólico que tem como fim atingir um objetivo específico (ORTEGA *in* RAGO *et al*, 2005). Por assumir uma condição simbólica, a ascese possui uma dimensão política e moral.

Neste início de século XXI, o padrão estético de corpo caracteriza-se pelo biotipo longilíneo e magro, em que “um quilinho a mais” faz muita diferença e onde para se delinear um grupo muscular não são poupados esforços. Neste sentido, Ortega *in* Rago *et al* (2005) menciona que na nossa cultura somática a aparência virou essência, hoje sou o que aparento e estou, portanto, exposto ao olhar do outro, sem lugar para me esconder, me refugiar, estou totalmente a mercê do outro, já que o que existe está à mostra, sou vulnerável ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo preciso de seu olhar, necessito ser percebido, senão não existo.

O fenômeno *bullying*¹ pode ser visto como a materialização da interdição do corpo mediada por signos culturais que pautam o desrespeito à diferença. O *bullying* abrange todas as manifestações de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sendo caracterizada por uma maneira insistente e perturbadora de ação, que ocorrem de forma velada sem motivação aparente e evidente, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder (seja ele físico, econômico ou social). Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras destrutivas, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (BOTELHO e SOUZA, 2007; CIDADE, 2008; LISBOA *et. al.*, 2009).

¹ De acordo com Lisboa (2009), esse termo não possui tradução literal para o português. Mas, *bully* é o termo em inglês para “valentão” e *bullying* pode ser traduzido por “intimidação”, o que reduz a complexidade do fenômeno a somente uma das suas múltiplas formas de manifestação.

A problemática do *bullying* não configura somente violências físicas e verbais. Por ocorrer constantemente, de modo insistente e sem dar às vítimas condições para se defender, muitos dos que sofrem deste tipo de violência acabam desenvolvendo problemas psíquicos decorrentes da pressão psicológica imposta pelos agressores. Silva (2010) relata que, entre os distúrbios, estão os sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, timidez patológica, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do estresse pós-traumático. Ainda assim, a mesma autora afirma que os acontecimentos mais graves de *bullying* podem levar ao desenvolvimento da esquizofrenia e em casos menos frequentes – mas não menos importantes – ao suicídio e a homicídios.

O primeiro sinal notório na vítima pode ser o isolamento, partindo para a falta de motivação para viver, na qual vai se delineando a depressão, podendo haver consumo de drogas e manifestações agressivas em forma de protesto. No entanto, qual o lugar mais propício para o surgimento destas atitudes invasivas de muitas crianças e, principalmente, adolescentes?

De acordo com Cavalleiro (1999), “[...] a família e a escola serão os mediadores primordiais, apresentando/significando o mundo social”. Nesse pensamento, podemos compreender que a escola é o principal local de socialização entre crianças e adolescentes de mesma idade. Em razão desse fato, o lugar passa a ser um dos pontos prediletos, senão o primordial, de atuação dos *bullies*.

A partir desse entendimento, temos aí um embate, já que é nesta instituição que as pessoas deveriam ter a oportunidade de estudar e possuir uma formação que as possibilitem ser inseridas na sociedade sem trazer prejuízos a elas. Mas, o que se pode notar é que é nesse ambiente que, muitas vezes, se instala a origem e disseminação desse tipo de violência, transformando-se em um local inseguro para os seus principais frequentadores.

É muito comum percebermos no ambiente escolar, no contexto das aulas de Educação Física, crianças sendo discriminadas por sua condição corporal: o gordinho, o estrábico, o deficiente, o magricela, os menos aptos fisicamente frente uma habilidade motora ou performance esportiva, bem como outros mais.

Todavia, esse abuso não se restringe ao ambiente escolar, os alunos estão encontrando outras formas de atuação. Então, o uso das tecnologias de comunicação por pessoas de faixas etárias cada vez mais baixas permite o surgimento do *cyberbullying*², abrindo um maior leque de possíveis consequências negativas ao desenvolvimento dos alunos.

A Legislação sobre violência que foi encontrada no município em que se fez essa pesquisa é a Lei Ordinária de Aracaju-SE, nº 3440 de 16 de janeiro de 2007. Em resumo, essa norma rege que a Secretaria Municipal de Educação deve criar panfletos com os números do “Disque Denúncia” e mensagens que incentivem aos menores a denunciarem os abusos sofridos. A lei menciona que a fiscalização deve ser feita por um órgão designado dentro das estruturas dessa secretaria. Essa conduta tem sua importância, mas é específica para a violência praticada de maiores contra menores, dificultando a possibilidade de denúncias contra os autores de *bullying*, já que é um processo que envolve predominantemente pessoas de iguais faixas etárias.

É importante ter em mente que o *bullying* não é um problema novo. Entretanto, a repercussão da sua denominação no meio midiático é que é recente. Foi necessário criar um só termo para concentrar todas as características desse tipo de violência. É claro que a tradução mais apropriada dessa palavra para o português é “intimidação” resumindo todo o processo a somente uma das suas características e é o mesmo que acontece com a palavra ainda em inglês. Mas, essa nomeação foi importante porque despertou curiosidade de pessoas que um dia já sofreram esse tipo de ataque e que antes só poderiam se referir a essas ações com a explanação de vários sinônimos, e agora podem simplesmente dizer “eu já sofri *bullying*”. O mesmo acontece com os pesquisadores e estudiosos que poderão investigar com mais recorte e precisão sobre essa problemática.

Contudo, esta pesquisa buscou esclarecer alguns conceitos e características com relação ao *bullying*, que prejudicam o desenvolvimento do homem enquanto ser social, principalmente no que diz respeito ao autoconceito vivido pelos obesos que

² Ou *ciberbullying*. Processo de *bullying* praticado através das tecnologias comunicativas existentes (Telefones, internet, blogs, fotografias, vídeos, entre outros).

sofrem esse tipo de violência no ambiente escolar no contexto das aulas de Educação Física.

A relevância científica dessa pesquisa diz respeito aos estudos que investigam as relações sociais e as formas de violência. A área médica que investiga as causas de doenças psíquicas também pode ser favorecida pelos dados obtidos nesse estudo. Ainda assim, as análises dos dados obtidos podem favorecer a atuação do professor no campo educacional que é o principal foco dessa investigação.

No campo da Educação Física, este estudo possui sua importância ao possibilitar maiores informações aos educadores desta área, já que é o professor(a) deste componente curricular que possui um maior contato com a condição corporal dos alunos obesos, podendo detectar mais facilmente processos de *bullying*. Assim, esse estudo disponibiliza a este profissional em especial um maior embasamento teórico proporcionando-lhe possibilidades de trabalhar com essa problemática em suas aulas e orientar seus alunos a combater e não apoiar o *bullying*, levando tal discussão e reflexões ao contato com crianças e jovens.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é fruto de uma monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), realizada no ano de 2010 e aprovada no ano de 2011. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que analisou o objeto sob o viés de um estudo de caso efetivado na Escola de Educação Municipal de Ensino Fundamental Oviêdo Teixeira na cidade de Aracaju/SE.

A abordagem qualitativa utiliza o contato direto e interativo com a situação ou objeto de estudo para a aquisição de dados descritivos. A partir desses dados, o pesquisador investiga os fatos e procura entender os fenômenos, situando a sua interpretação sobre o problema estudado (NEVES, 1996; MINAYO, 2007). Sobre o estudo de caso, Yin (2001) *apud* Gil (2002) afirma que ele é encarado como o delineamento mais adequado para investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos.

A população-amostra que se pretendeu atingir acerca da pesquisa foram estudantes considerados obesos, advindos do colégio supracitado, que sofrem ou sofreram *bullying* no contexto das aulas de Educação Física. Inicialmente, após contato com a direção e equipe pedagógica da referida escola, selecionamos os sujeitos deste estudo. Tal seleção foi realizada pela coordenadora pedagógica da instituição, quando solicitamos a ela um levantamento das crianças e jovens que são vistas como obesas pelos demais estudantes do colégio. A partir daí demos início à coleta de dados, com a aplicação de um questionário inicial com os estudantes selecionados. A partir disso, dentre tal amostra, fizemos uma nova seleção dos sujeitos para a pesquisa, ou seja, buscamos identificar, dentre aqueles considerados obesos, quais referiram já ter sofrido ou sofrer de *bullying* em algum momento de sua vida, dentro ou fora da escola.

A permissão para realização da pesquisa na escola foi solicitada por meio de dois termos de consentimento. O primeiro foi dirigido à Secretaria de Estado da Educação de Sergipe e o segundo voltado para a coordenação e diretoria do colégio em questão. Ambos foram elaborados com a intenção de garantir o direito de nome e imagem da instituição de ensino, bem como preservar o anonimato dos participantes do presente estudo. Com isso, usamos pseudônimos para representar os alunos entrevistados quando consideramos necessário distinguir as suas falas na análise dos depoimentos.

Os dados foram coletados a partir dos seguintes instrumentos: observação direta durante as visitas ao colégio e a aplicação de 04 (quatro) questionários na forma de entrevista com questões fechadas, mas que não deixavam de dar margem a outras perguntas, caso fosse necessário.

A observação direta foi feita nas aulas de Educação Física e nos momentos de aplicação dos questionários aos sujeitos participantes. Com isso, pretendeu-se observar os aspectos relacionados ao preconceito, discriminação e violência simbólica utilizadas contra os obesos. Outro fator de observação foi a postura do professor frente ao (possível) processo de *bullying* sofrido pelo aluno(a) obeso(a), bem como, se de alguma forma o professor é responsável pelo processo de violência simbólica no sentido de expor o obeso a situações de constrangimento ou vexatória.

O primeiro questionário teve como objetivo identificar entre os alunos obesos, aqueles que sofrem ou já sofreram *bullying*. As perguntas foram feitas aos alunos que a coordenadora pedagógica selecionou, de acordo com a massa corpórea e a representação simbólica de “gordo(a)” que os mesmos possuíam no contexto escolar. Assim, 09 (nove) alunos participaram desta etapa – sendo 04 (quatro) do sexo masculino e 05 (cinco) do sexo feminino, estudantes do 3º ao 7º ano do Ensino Fundamental.

O segundo conjunto de questões foi aplicado aos alunos, que da amostra inicial afirmaram sofrer ou que já sofreram bullying por serem obesos, ou seja, dos 09 (nove) alunos que foram os sujeitos da primeira etapa, 06 (seis) foram selecionados – 03 (três) meninas e 03 (três) meninos –, para participarem da segunda e terceira etapas desta pesquisa. Tal instrumento de coleta de dados teve como objetivo identificar e compreender de que forma as vítimas estão envolvidas com o *bullying*.

O terceiro questionário foi realizado com três professores de Educação Física que trabalham na escola de Ensino Fundamental Oviêdo Teixeira e que são professores dos alunos entrevistados. Através desse conjunto de questões, procuramos ter conhecimento do modo como os professores tratam a problemática nas turmas que lecionam e o que fazem a respeito quando presenciam atos de discriminação e agressões repetitivas.

O quarto e último questionário foi elaborado com o intuito de coletar informações dos pais sobre como eles enfrentam a problemática vivida pelos seus filhos (caso tenham conhecimento de tal fenômeno), os alunos que participaram da segunda etapa. Consideramos importante ter o contato com a família dessas crianças, pois os pais convivem diariamente com elas e partimos do pressuposto que eles, mais do que ninguém, sabem do contexto de discriminação sofridos pelos seus filhos obesos no que tange ao preconceito concebido por sua condição corporal.

3 BULLYING E OBESIDADE: AS AULAS E EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FOCO DE ANÁLISE

Os resultados da pesquisa confirmaram que, de modo geral, a discriminação, a violência física e a violência simbólica fazem parte das vivências dos indivíduos no âmbito escolar, em especial nas aulas de Educação Física, seja como vítima, autor ou testemunha. Apesar de patológicas, estas situações parecem se enquadrar no dia-a-dia das crianças e adolescentes como “aversão ao diferente” mascarada de “brincadeira inocente”. Constantemente, os “gordinhos” escondem o quão dolorido está sendo viver no cotidiano escolar, seja para não demonstrar fraqueza, seja porque os adultos não têm tempo para resolver esses “pormenores”, ou, seja porque se aquele sentimento for mostrado pode ter o efeito contrário do esperado.

Em contrapartida, e se pensarmos que o problema não precisa ter muita repercussão na escola e na mídia em razão de uma visão como “ah, eu sofri *bullying*, mas sobrevivi e hoje sou ‘normal’, afinal, quem não sofreu?” Não se pode condenar esse pensamento, porém, é necessário saber quais as especificações e os valores apresentados no contexto social vivido. É obvio que as reações de diferentes pessoas frente ao problema são distintas, pois, consideram-se “n” fatores que são provenientes de experiências individuais. Somente quem sofre é que sabe o que está sentindo.

Para melhor compreendermos o presente estudo tomemos como exemplo o fato da separação dos tipos de casos de *bullying*, essa pesquisa trata-se especificamente do *bullying* que ocorre entre os alunos, mas, a classificação não implica dizer que todos os casos devem ser analisados de igual modo, pois, cada um possui as suas peculiaridades que não podem ser menosprezadas ou generalizadas. Seguindo esse raciocínio, a autora do livro “Bullying: mentes perigosas nas escolas”, lançado em 2010, defende em entrevista³ que:

[...] todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de *bullying*, em maior ou menor proporção. Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema.

³ Dados obtidos no site <<http://delas.ig.com.br/filhos/o+bullying+e+um+ato+covarde/n1237619654324.html>> Acesso em 05 de junho de 2011.

A pesquisa de campo demonstrou que dos nove estudantes entrevistados – considerados obesos pelos demais alunos –, somente três afirmaram não sofrer discriminação, *bullying* ou não sentir-se incomodado com estes possíveis eventos na escola pesquisada. Em outras palavras, um quantitativo de 66,6% dos adolescentes “gordinhos(as)” entrevistados sofrem agressões físicas e/ou simbólicas no âmbito escolar. Ao perguntarmos aos três professores de Educação Física que participaram da pesquisa se eles costumam presenciar em suas aulas atos de discriminação entre os alunos, os quais as vítimas são os obesos, todos responderam que sim, mas que também notam atos provocadores partindo das vítimas ou situações em que os “gordinhos(as)” dominam violentamente os colegas.

Ainda nesse pensamento, ao entrevistarmos as vítimas, notamos curiosidade por parte de outros alunos da escola que, em períodos curtos de tempo, apareciam na porta da sala para saber o que estaria acontecendo com a nossa visita. Não demorou muito para eles perceberem que somente os “gordinhos” estavam sendo chamados para participar da pesquisa. A partir desse momento, começaram as gozações e podemos observar de perto as “brincadeiras” maldosas.

Frases como “é só para os gordos” ou “*eita* que só tem baleia aqui” tornaram-se tão insistentes que decidimos fechar a porta da sala para que as vítimas não fossem mais incomodadas. No entanto, nessa observação direta, podemos ter uma noção de como é o dia-a-dia desses adolescentes no contexto escolar. Contudo, é importante ressaltar que tentamos não expor os estudantes envolvidos nessa pesquisa durante as intervenções, porém, foi impossível “esconder” a realização das entrevistas dos demais alunos.

Metade dos alunos que participaram da segunda fase da pesquisa respondeu sofrer tanto com ataques físicos como simbólicos. Os demais, somente com a segunda supracitada. Isso implica dizer que 50% dos casos de *bullie* indireto dão margem à ocorrência do *bullie* direto. Isso porque, na maioria dos casos, bullies “começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos” (SILVA, 2010, p. 50). Com o passar do tempo, se não houver intervenções externas, esses eventos passam a ser mais insistentes e

perturbadoras até chegar ao ponto de acompanhar “[...] empurrões, socos, pontapés, tapas, beliscões, puxada de cabelos ou de roupas” (SILVA, 2010, p. 50).

Quando perguntamos quais eram os apelidos que os alunos já tiveram ou têm, a maioria dos resultados fazia alusão a sua condição corporal: “baleia”, “baleia assassina”, “baleia rosa”, “baiacu (peixe que se ‘infla’ com ar)”, “barril”, “fofinho(a)”, “Free Willy (filme de uma baleia)”, “gordura três”, “mamute”, “Nhonho (personagem ‘gordinho’ da série de TV ‘Chaves’)”, “Rasputcha (personagem obesa do filme ‘Norbit: uma comédia de peso’)” e “tribufu”. Os demais apelidos estavam relacionados a outros tipos de preconceitos: “Patrick” (estrela-do-mar cor de rosa do desenho “Bob esponja” ou personagem homossexual do programa “Zorra Total” da Rede Globo de televisão), “veado”, “satanás” e “bebe moto” (um tipo de monstro, de acordo com o entrevistado).

Outro transtorno notado nos dados obtidos é a exclusão. Em resposta a uma pergunta associada à exclusão, dois alunos obesos relataram ser excluídos constantemente das atividades lúdicas pelos seus colegas de classe. Quando perguntamos a justificativa do fato, eles alegaram que não sabiam exatamente o porquê, mas, percebiam que os outros se afastavam deles no espaço utilizado para a realização das aulas de Educação Física.

Um dos alunos chegou a afirmar que quando havia formação de times ou equipes, ele era o último a ser escolhido pelos colegas. Situação confirmada por um professor, quando relatou em entrevista que “eles [os obesos] ficam por último” e também nas palavras de Silva (2010, p.48), quando afirma que as vítimas, “nos jogos ou atividades em grupo, sempre são as últimas a serem escolhidas”.

Outro menino citou na entrevista que só foi aceito no time de futebol para ser goleiro. Neste sentido, percebe-se mais uma vez que os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam, igual ao que ocorre na ideologia de mercado. Trabalhando estes valores na cultura da Educação Física se sustenta a manutenção do modelo elitista de corpo.

O fato de ser considerado “gordo” pelos demais constrói a imagem perante a turma de que ele é lento e prejudicial nas atividades competitivas para qualquer equipe que participe. Daí surge o papel do professor, que deve orientar não somente a vítima,

mas também os agressores e principalmente as testemunhas, orientando-as a denunciar e a não apoiar as agressões.

Em contrapartida, um dos professores entrevistados atentou ao fato de que, em muitas vezes, os próprios alunos obesos se excluem das atividades práticas, sendo necessária a criação de estratégias para convencê-los a participarem das aulas. Neste caso, podemos refletir: os alunos estariam evitando – com comportamentos como este – ofensas que poderiam ocorrer durante as atividades? Ou simplesmente não queriam participar?

Todos os seis alunos revelaram que os seus agressores praticam as “brincadeiras” mesmo tendo a consciência de que estão prejudicando-os. De acordo com Silva (2010, p.52), os bullies normalmente apresentam “insensibilidade, ausência de culpa ou remorso”, o que os tornam pessoas cruéis, desafiadoras da hierarquia e egoístas. Uma das vítimas chegou a relatar, com muito pesar, uma das ofensas que costuma ouvir frequentemente: “Volta para o mar, baleia, e manda lembrança aos seus irmãos” (Júnior).

Metade dos alunos afirmou sentir-se totalmente humilhados com os xingamentos e a atribuição de apelidos, uma garota desabafa: “a minha realidade é que eles me humilham sim, sofro muito nessa escola” (Clarisse). Ainda assim, dois alunos responderam que evitam ter contato com alguém ou algum grupo de colegas de colégio, com medo de sofrer algum tipo de agressão. Os mesmos confessaram sentir-se desprotegidos no caminho de volta para casa, quando a escola libera todos os estudantes. De acordo com um deles, não se sente seguro “porque vem uma galera atrás de mim para me bater. Teve uma vez que os guris queriam bater em mim e em um colega meu” (Eduardo). Nesse sentido, Silva (2010, p.48) defende que, geralmente, as vítimas “apresentam faltas frequentes às aulas, com o intuito de fugir das situações de exposição, humilhações e/ou agressões psicológicas e físicas.”

Ao questionarmos o que as vítimas sentiam quando eram agredidas simbolicamente, as respostas foram diferentes, porém, traduziam o mesmo significado: o sofrimento. Sentimentos de raiva, tristeza e humilhação inundavam os corações destes alunos quando eles refletiam sobre as suas respostas. “Humilhado, com todos me olhando como se eu fosse uma aberração escolar” (Júnior), diz um deles.

Como já havíamos mencionado, enquanto realizávamos as entrevistas, de vez em quando apareciam outros alunos curiosos na sala, um deles, ao ouvir a pergunta, comentou que o colega que estava sendo entrevistado ficava muito triste com as agressões e afirmou sentir “pena” do garoto tamanha eram as perturbações dos agressores. Ainda assim, a maioria (90%) das vítimas entrevistadas respondeu que seus amigos tentam evitar as agressões, reclamando com os bullies ou revidando na “mesma moeda”.

Houve momentos nas entrevistas que até nós, pesquisadores, fomos contagiados pelas fortes emoções emanadas pelos estudantes, os quais, nitidamente, gostariam muito de mudar a realidade escolar em que se encontram, mas que nem imaginam como devem agir para realizar tal desejo. Uma aluna nos disse sentir aspiração em “vencer na vida” enquanto que seus agressores continuassem “lá embaixo”, assim, os papéis se inverteriam e ela teria, finalmente, a sensação de que a justiça fora feita.

Para as vítimas, entender o motivo pelo qual elas são agredidas é tarefa complicada. Todos relataram não saber por que são maltratadas. Algumas arriscaram palpites: “parece que é porque sou gorda” (Amanda), “acho que não gostam de mim” (Júnior), “porque são idiotas” (Bianca), “porque eles gostam de ‘zoar’ com os outros” (César).

Outro resultado importante demonstrado na pesquisa é o fato de que o *bullying* afeta o interesse das vítimas pelos estudos. Uma aluna afirmou sentir vergonha de tirar dúvidas, com receio de falar alguma palavra errada e os seus agressores começarem a ridicularizá-la. No entanto, dois alunos responderam na entrevista que já tiveram ou têm vontade de mudar de escola para ficar livre das agressões sofridas constantemente no colégio atual. Em contrapartida, uma aluna afirmou que não sentia vontade de mudar de escola para não “dar o gosto” aos agressores, ou seja, para que eles não pensem que a atormentaram demais.

Ainda assim, metade dos entrevistados respondeu não ter denunciado as agressões aos pais ou aos professores por questões distintas: medo de apanhar do pai, vergonha de demonstrar fragilidade, ou achar que o adulto não tem tempo para resolver assuntos como esses. De acordo com Silva (2010, p.116),

As vítimas se tornam reféns do jogo de poder instituído pelos líderes agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola.

O fato da omissão das denúncias é confirmado por dois dos professores entrevistados, visto que relataram que os estudantes não costumam denunciar as agressões, com isso, é preciso que os atos sejam notados para que se tome alguma providência cabível a cada situação. Ainda assim, em muitas vezes, foi observado que as vítimas reagem com violência física aos ataques durante as aulas.

Por outro lado, um estudante relatou que denunciou os ataques ao professor, mas não percebeu nenhuma tentativa por parte do docente em educar ou punir os agressores, ou seja, nenhuma atitude foi tomada. O resultado por buscar apoio e não obter nenhum efeito pode ser a omissão das denúncias, como uma aluna (Amanda) do quarto ano narrou:

Eu contei para a minha mãe, ela foi conversar com o meu diretor e ele disse a minha mãe que se as meninas mexessem comigo novamente era para eu denunciar a ele, para ele tomar providências. As meninas ainda mexem comigo, mas eu não falo ao diretor porque eu acho que ele não tem tempo para essas coisas.

Ainda nesse pensamento, outra vítima disse que “não adianta contar porque os diretores não dão conta” (Clarisse). Silva (2010, p.14) defende a ideia de que “omitir-se é ser cúmplice da violência entre crianças e adolescentes no seu despertar, justamente no berço da educação e da socialização de cada ser humano”, ou seja, é necessária a adoção de medidas que contribuam com o combate ao *bullying*.

Os professores de Educação Física que foram entrevistados afirmaram que não se omitem quando há agressões entre os seus alunos. Buscar conversar sobre as diferenças, explorar as habilidades específicas, compensar as deficiências individuais, encerrar a atividade, forçar pedido de desculpas, ou, retirar o agressor da aula são

exemplos de algumas atitudes citadas por esses professores para educar e buscar o condicionamento do aluno a respeitar o outro.

A pesquisa demonstrou ainda que as vítimas tentam “passar por despercebidas” pelos demais (estratégia esta que poderíamos identificar como algo do tipo: fazendo-me “invisível”, não serei notado, conseqüentemente, não serei discriminado!). Ao questionarmos sua preferência com relação à quantidade de pessoas nos lugares que frequentam, uma aluna (Bianca) respondeu:

Prefiro lugares com muitas pessoas porque eu me sinto mais à vontade com muitas pessoas. Quando tem muita gente aí eu me escondo às vezes dos meninos da minha sala porque eles gostam de ‘tá’ dizendo ‘ói a gorda’ [...] Qualquer lugar que seja eles fazem isso.

Com relação à satisfação com o próprio corpo, apenas um aluno respondeu sentir-se bem como com sua imagem. Dois afirmaram sentir, às vezes, vontade de emagrecer, mas que gostariam de ser aceitos como são. Os outros três desejam emagrecer porque, de acordo com eles, ficariam mais bonitos, sentiriam-se melhores e haveria um aumento significativo em sua autoestima.

Ainda nesse contexto, uma aluna revelou sentir vergonha de usar trajes de banho que expõe muito o seu corpo, ela afirmou: “eu tenho vergonha de usar biquíni, uso sempre maiô. Quando eu vejo as outras meninas magras eu tenho vontade de ser como elas: normais” (Amanda). Pelo seu relato, dá para notar o que a menina entende por ser “normal” e por ser “diferente”.

Para Bourdieu (2003) a probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica do corpo alienado), o mal estar, a timidez ou a vergonha são tantos mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e reações dos outros.

O fato é que uma vez construída as relações de poder a partir dos signos de representação corporal – dentro de um determinado grupo ou cultura – eles fixam uma categorização social sob a qual se dá o jogo da (in)exclusão.

A compreensão dos signos corporais e dos modos como são construídos e demarcados nos ajudam a evitar qualquer tipo de preconceito. O olhar ao outro a partir

desse exercício reconfigura as relações de poder que se estabelecem a partir dos estigmas corporais. O corpo deixa de ser inferior ou superior, melhor ou pior. Ele passa a assumir uma dimensão onde é visto e interpretado de acordo com sua história particular/individual e coletivo/cultural.

No contexto deste artigo o estigma é entendido como uma demarcação social do corpo no sentido de lhe atribuir um estereótipo negativo que desencadeia preconceito e discriminação no âmbito das relações entre os sujeitos. Os atributos que consideram um corpo como diferente – num sentido de valor e poder – são construídos socialmente e seus estereótipos são demarcados a partir desses significados.

Este é um convite a uma pedagogia da diferença, pedagogia esta que segundo Trindade (2002, p.87):

Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante.

Contudo, perguntamos aos professores de Educação Física o que eles poderiam fazer para diminuir e cessar os atos de *bullying* na escola em que trabalham. Entre as sugestões, a criação de mais ações coletivas educativas; a realização de um projeto de análise de perfil antropométrico e nutricional (já iniciado pelo entrevistado, porém parado); a criação de um projeto de intervenção entre a escola e a Universidade Federal de Sergipe com a finalidade de promover hábitos alimentares saudáveis aos alunos; programa individualizado de exercícios físicos; realização de mais conversas entre os professores sobre o tema; palestras com pais e alunos sobre comportamento agressivo; elaboração de um trabalho de esclarecimento sobre o *bullying* com os alunos objetivando demonstrar o estrago causado nas vítimas.

Analisando essas sugestões e opiniões, podemos perceber que a preocupação dos professores, em geral, não é somente o desejo do ato de “educar para o convívio com o diferente”, mas também, a promoção de hábitos saudáveis, ou seja, o trato com

o corpo com a finalidade de “emagrecer” os alunos. Se analisarmos, o educador deve atentar sempre ao fato de que, o respeito à diferença sempre deve vir em primeiro plano, já que ser obeso não é uma escolha de estilo de vida, portanto, não se pode culpar⁴ ninguém, ou seja, devemos ensinar aos adolescentes a aceitarem as pessoas como são e desestimular o hábito que alguns indivíduos têm de pressionar os outros a mudar a qualquer custo. Tudo isso pode ser utilizado conjuntamente em prol da saúde, já que a saúde aqui é entendida não somente como o bom funcionamento do organismo, mas também “como sinônimo de integração na sociedade; em contrapartida, a doença é sinônimo de exclusão” (STENZEL, 2003, p. 13).

A fala dos pais dos alunos que participaram da segunda entrevista, que seria de excepcional relevância para nossa pesquisa, infelizmente, não pode ser coletada. Isso porque, encontramos dificuldades em conseguir estabelecer contato com esses pais. Na primeira tentativa, buscamos, juntamente com o diretor, marcar uma reunião com estas pessoas. Mas, alguns dos alunos nos informaram a impossibilidade de deslocamento de seus pais até o colégio com a justificativa de que eles trabalhavam durante a maior parte do dia. Outros nos disseram que seus pais “não estão nem aí para as reuniões do colégio”. Então sugerimos ir até as suas casas para realizar as entrevistas, no entanto, percebermos desconforto por parte dos alunos em aceitar tal sugestão.

Na última tentativa, pedimos para que eles levassem os questionários para casa e os trouxessem respondidos. Nada feito, ou seja, os questionários voltaram em branco. Com isso, a pesquisa carece destes dados, porém, acreditamos que não afetou em muito nos resultados obtidos, já que conseguimos estabelecer contato direto com as pessoas que mais são prejudicadas quando envolvidas com o *bullying* – as vítimas – e os adultos mais próximos no que se diz respeito ao âmbito escolar – professores e coordenadores.

Acreditamos que é importante, no ambiente escolar, discutir e aprofundar estas questões com o intuito de criar condições de reflexão, interpretação e decodificação dos

⁴ Tal fenômeno, bastante contemporâneo e largamente reproduzido na esfera social, produto também de uma cultura biomédica, refere-se à chamada “culpabilização da vítima”, ou seja, consiste em depositar no cidadão a responsabilidade por sua saúde individual, ignorando os múltiplos fatores que atuam sobre sua saúde e dos quais ele não possui controle. (FARIA JUNIOR, 1991 *apud* DEVIDE, 2002, p.139)

estigmas criados na sociedade com relação ao corpo do diferente. Nesse sentido, é preciso realizar um trabalho que dê base teórica e prática, com o objetivo de gerar valores que radicalizem em favor da vida, e engajamento responsável e crítico na luta pela (re)significação de corpos ameaçados pela barbárie. Abaixo, Ferreira e Ramos (2007, p.34) trazem uma reflexão sobre a inclusão social:

A inclusão social remete ao aprofundamento dos conflitos existentes entre as posições de cada um e o papel das obrigações que se impõem nas relações organizadas socialmente. Dito de outra forma, é preciso situar com precisão as dificuldades existentes entre as posições e os papéis desempenhados por cada um de nós na interconstituição dos saberes que fundam a história.

Assim, coloca-se como desafio não só da escola, mas da sociedade em geral – governo(s), instituições sociais, instituições midiáticas, família e grupos sociais – o desafio de problematizar e não “naturalizar” essas questões que estigmatizam os sujeitos e buscam homogeneizar as diferenças, que, paradoxalmente, geram cada vez mais problemas psicossociais de grandes magnitudes.

4 TENSÕES E REFLEXÕES: A GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos mostrar um pouco da realidade vivida por alguns alunos do Ensino Fundamental, que por serem considerados “gordos”, acabam sofrendo humilhações e exclusão por parte de alguns estudantes da escola em que freqüentam. Essas vítimas são obrigadas a agüentar o estigma no ambiente escolar, no qual, normalmente é o lugar onde elas têm mais acesso a pessoas da sua idade. Entretanto, essas ações acabam levando a vítima ao isolamento e/ou até mesmo ao abandono da escola.

Como já mencionado, 66% dos alunos “gordinhos” que foram entrevistados sofrem bullying escolar e não sabiam explicar com veemência a justificativa das agressões, mas, tinham certeza de que os *bullies* se divertiam vendo o sofrimento que causavam. Metade desse total vive em constantes situações de humilhação, evitando contato com os agressores na escola e no caminho de volta para casa, além de viver tentando não chamar a atenção das demais pessoas em lugares públicos.

Ainda assim, a pesquisa nos mostrou que 50% dos casos de *bullying* escolar dão margem à violência física. Isto é, além da exclusão social e dos apelidos pejorativos que costumam receber por conta de seu aspecto físico, as vítimas ainda correm o risco de voltarem machucadas para suas residências. Esses alunos são adolescentes que vivem em constante “instabilidade” no que diz respeito às suas escolhas, ou seja, ainda não são adultos, mas já carregam grandes “fardos” em suas costas, como o sentimento de pressão para a tomada de decisões.

O problema é que eles não têm maturidade suficiente para saber como agir em situações de extrema pressão psicológica. O resultado dessa “guerra” no foro íntimo pode vir a ser o desejo de mudar de escola, a omissão das agressões, ou, o sentimento de vergonha. Vergonha esta que pode estar presente constantemente em seu dia-a-dia: vergonha de tirar dúvidas, vergonha de demonstrar fragilidade, vergonha de usar roupas da moda, em outras palavras, vergonha de viver.

Os professores de Educação Física alegaram tomar medidas quando presenciavam atos de discriminação ou violência, porém, percebiam que os alunos não costumam denunciar as agressões. Por outro lado, as vítimas disseram que o ato de denúncia não é rotina porque não é um método eficaz, já que não há retorno positivo, aliás, em muitas vezes, nem há retorno.

Como podemos notar, este é um problema que precisa ser tratado em conjunto com todas as pessoas que frequentam a escola e acompanham educação dos educandos. Dito de outra forma, pais, alunos, funcionários e professores devem-se reunir e “lavar a louça suja”, colocar em pratos limpos como cada indivíduo vê determinados atos.

Perguntas como estas podem ajudar no melhor funcionamento do sistema escolar junto à comunidade: Por que os pais não vêm às reuniões quando são convocados? Por que exigem que seus filhos tirem notas altas sem acompanharem o aprendizado dos mesmos em casa? Por que o professor “Fulano” falta tanto às aulas? Por que os professores não tomam medidas eficazes quando os alunos denunciam atos ilegais de seus colegas? Entendemos que muitas vezes os próprios professores fingem não ver tais acontecimentos em função do medo que sofrem em sua realidade, com a violência que cada vez mais assola o ambiente escolar, antes um lugar de disciplina, de

respeito, de conhecimento, de aprendizagem e de sociabilidades entre o universo adulto e o universo jovem.

Nesse pensamento, o trabalho de prevenção, diagnóstico ou até mesmo de combate ao *bullying* não adianta ser feito pela metade, ou seja, todos os funcionários devem ser preparados a tomarem decisões em prol da diminuição da violência, seja ela física ou simbólica, no meio escolar. Não queremos insinuar ou afirmar que existe uma “receita pronta” para aplicar na escola com a finalidade de extinguir o *bullying* entre os alunos. Todavia, somos partidários da opinião de que desprezar o fenômeno ou até mesmo “fingir” que ele não está acontecendo é deixar que a violência e o preconceito cresçam ainda mais no ambiente escolar e, posteriormente, na vida social e profissional destas pessoas.

Há que se considerar, também, que no caso brasileiro, o *bullying* seja consequência do sentimento de impunidade que toma conta dos valores pessoais, e as próprias crianças já sabem, pois tem incorporadas nelas tal sentimento, quando relatam terem comentado com pais, professores e equipe pedagógica, entretanto, nada muda, nada mudará – e isso implica, conforme vimos no estudo, na tentativa de se tornar um “ser invisível”, não notado, e assim o sofrimento será menor.

Com relação aos problemas enfrentados no que diz respeito à ida ao campo de pesquisa, tivemos problemas com a coleta de dados junto aos pais dos alunos que participaram da segunda entrevista. No entanto, acreditamos que esses dados não tenham prejudicado os diálogos relacionais e tensivos estabelecidos por nós nesse trabalho investigativo, mas fica o relato para numa futura pesquisa estarmos mais atentos a uma maneira mais eficaz de envolver os pais nos assuntos relacionados à escola que seus filhos estudam.

Entretanto, em conversa com uma professora do colégio, ela nos informou que, geralmente, os pais dos alunos costumam temer em dar respostas às questões ligadas à educação que dão aos seus filhos. Ainda assim, sentem receio de cometer algum equívoco que possa se tornar um problema. A professora nos afirmou ainda que muitos dos pais das crianças não concluíram os estudos ou não sabem ler/escrever, no entanto, de acordo com ela, “talvez tenham se assustado com a quantidade de perguntas”.

Em virtude de problemas como o supracitado, aqui fica a proposta de serem realizadas novas pesquisas sobre o *bullying* escolar, desta vez envolvendo também os agressores e os espectadores do fenômeno. Além disso, também existem outras formas de discriminação (como a homofobia e o racismo) que dão margem à ocorrência das perseguições que podem ser estudadas com melhor enfoque.

Aliado a esses fatores, pesquisas também podem ser feitas para analisar o *bullying* entre outros tipos de relações sociais e até mesmo fora do contexto escolar. Estudos que podem ser comparados às análises já construídas, associando-as, tudo em prol do melhor entendimento deste tipo de violência que traz consequências leves ou profundas para as vidas das pessoas envolvidas.

Contudo, por acreditar que o ser humano – embora sofra a ação de seu meio e não é submisso a ele – pode transformar a realidade sendo agente de sua própria história, esta pesquisa teve como pretensão apresentar algumas reflexões a fim de tornar mais respeitoso o convívio frente os diferentes corpos no ambiente escolar rumo a uma cultura pautada no acolhimento.

Esta pesquisa teve como princípio a análise cultural do trato com o corpo no contexto escolar e em específico, da Educação Física. Estudar o corpo e suas construções sociais é um tema sempre atual e necessário no âmbito da Educação Física, afinal nós humanos existimos via corpo e o nosso corpo é assim a nossa maior identidade. Desvelar as relações de poder que agredem a integridade desse corpo é tarefa de estudos que o analisam sob o prisma social, antropológico e filosófico. Esperamos neste sentido que esta pesquisa tenha contribuído de alguma forma para que o leitor compreenda as construções e entraves sociais que mediam a relação do corpo com seus estigmas.

Neste sentido finalizamos nossa pesquisa com algumas provocações e reflexões ao leitor, deixamos aqui alguns recados – por que não entendê-los também como um pedido de socorro? – das vítimas entrevistadas aos seus respectivos bullies:

“Ei rapazes, isso é errado, tomem vergonha” (Júnior).

“Tome vergonha em sua cara porque um dia eu posso emagrecer, ficar mais bonita do que já sou e você pode um dia casar comigo” (Clarisse).

“Vão estudar ‘ruma’ de preguiçosos” (Eduardo).

“Por que você fala isso comigo se eu não faço nada com você? Eu já te fiz algum mal para você fazer isso comigo? Então, por favor, pare de ‘tá’ me apelidando!” (Amanda).

KEYTE DOS SANTOS MATOS

Graduada em Educação Física em nível de Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do LaboMídia/UFS e grupo de pesquisa CEMEFEL-SE “Corpo, Cultura e Educação Física”.

FABIO ZOBOLI

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do grupo de pesquisa CEMEFEL-SE “Corpo, cultura e Educação Física”.

CRISTIANO MEZZAROBÀ

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do LaboMídia/UFS e Grupo de Pesquisa do CEMEFEL “Corpo, Cultura e Educação Física”.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de educação física**, n. 139, p. 58-70, dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br>>. Acesso em: 30 de setembro de 2009.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAVALLEIRO, E.S. O Processo de Socialização na Educação Infantil: construção do silêncio e da submissão. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.** São Paulo, 9(2), 1999.

Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/59.htm>>. Acesso em: 10 de novembro de 2011.

CIDADE, A. P. S. **Bullying escolar – uma realidade ainda desconhecida**. 2008, 50 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Centro Universitário do Distrito Federal, Brasília, 2008.

DEVIDE, F. P. A Educação Física escolar como via de educação para a saúde. BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau/SC: Edibes, p.137-150, 2003.

FERREIRA, C. A. M.; RAMOS, M. I. B. (org.). **Psicomotricidade: educação especial e inclusão social**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Lei Ordinária de Aracaju-SE, nº 3.440 de 16/01/2007. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/cgi-local/showinglaw.pl>>. Acesso em 28 de novembro de 2009.

LISBOA, C.; *et al.* O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestações e possibilidades de intervenção. **Revista contextos clínicos**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 1, p. 59-71, janeiro a junho de 2009.

MATOS, K. S. **Obesidade e bullying: uma análise a partir das aulas de Educação Física escolar**. 2011, 100 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: a pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 09 de setembro de 2010.

ORTEGA, F. Da ascese à bioascese do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, F; ORLANDI, L.B.L e VEIGA-NETO, A. (org). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias Nietzscheanas**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STENZEL, L. M. **Obesidade**: o peso da exclusão. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

TRINDADE, A. L. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In: GARCIA, L.G (org) **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.